



## A RETÓRICA DO SILÊNCIO NA POESIA DE AMNERES: UMA LEITURA DE POEMAS - ENTRE A LITERATURA E A PSICANÁLISE

Olavo Barreto de Souza (UEPB)  
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (UEPB)

**RESUMO:** Neste trabalho desenvolvemos a hipótese de que o silêncio manifesta-se como uma retórica na poesia de Amneres. Para tanto, faremos análise de três poemas de sua autoria, cuja metodologia de leitura seguida pauta-se num diálogo entre a crítica psicanalítica e literária sobre o silêncio, além de trazemos alguns pressupostos teóricos da Análise de Discurso para endossar nosso posicionamento crítico, mediante os textos, de que o silêncio comunica e, sobretudo, na poesia da autora, por um viés do erotismo conjugado com uma experiência transcendental. Para tanto, nos utilizamos das ponderações teóricas de Bataille (1987), Lacan (1981), Orlandi (1997), dentre outros autores para a construção do arcabouço crítico que sustenta o olhar crítico sobre a autora aqui analisada.

**Palavras-chave:** Silêncio; Literatura e Psicanálise; Amneres.

### Introdução

As relações entre a Literatura e a Psicanálise, no âmbito de suas ponderações teóricas, revelam um estreito laço que inter cruzam seus discursos. Na constituição das obras psicanalíticas, sejam do Freud ou do Lacan, percebemos a utilização do discurso literário para a construção de seus axiomas – veja-se em Freud, por exemplo, a concepção do Complexo de Édipo, na qual se baseia na obra de Sófocles, *Édipo rei*, para constituir seu aporte teórico. De um ponto de vista verticalizado sobre os textos literários, enquanto manifestação do inconsciente, através de um mecanismo de sublimação – construtos teóricos desenvolvidos, inicialmente, pela psicanálise freudiana – percebe-se que existem manifestações das ações psíquicas que revelam, de diferentes modos, as ações estudadas na clínica psicanalítica. Assim, fica-se verificado o campo de interdisciplinaridade que tais estudos estão dispostos. (SOUZA, 2009).

Élisabeth Ravoux Rallo (2005), em *Métodos de crítica literária*, ao tratar da crítica psicanalítica como uma metodologia de abordagem de leitura de textos literários aponta um dos elos que assemelham a psicanálise à literatura: a interpretação. Ambos os

discursos estão preocupados com a hermenêutica do material humano produzido: na escrita, para a crítica literária; e no inconsciente, para a psicanálise. O “decifrar”, a busca por uma sistematização do saber apresentado pela ação humana, reflete um dos principais papéis desenvolvidos por tais disciplinas. O múltiplo diálogo entre tais disciplinas fica ainda mais estreito quando Jacques Lacan desenvolve a assertiva “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p. 139). Além disso, o próprio Freud, ao constituir o método psicanalítico, concebe que é a psicanálise uma maneira de se propor a cura pela palavra. A literatura é um modo substancial de manifestação da linguagem, também com suas tramas, tecidos e matizes que lhe dão materialidade. Assim sendo, a contiguidade entre as disciplinas perfaz um caminho estreito nas suas conceituações.

Com a apresentação sumária das informações supramencionadas, vislumbramos a proficuidade que o estudo psicanalítico pode oferecer na soma aos estudos literários pelo viés da hermenêutica do texto, nos seus diferentes matizes de expressividade artística. Dentre tais expressividades, a ser considerada na manifestação da linguagem, da cultura, e sua representação no texto literário, está o silêncio. Vários escritos, sejam em prosa ou em verso, estão pautados sob esta temática. Comumente, o silêncio representa a ausência do código linguístico, cujo significante está elíptico. No entanto, embora seja, possivelmente, a expressão da falta das palavras, ou do som, nem sempre esse momento está circunscrito na ausência de significado. Para a crítica psicanalítica, existem várias abordagens sobre o silêncio como modo de significação do sujeito, de sua expressão inconsciente. Para a análise de discurso, por exemplo, o silêncio pode ser o não dito, ou seja, um momento enunciativo cuja carga semântica pode estar carregada de componentes que informem diferentes sentidos.

Assim, no estudo que ora propomos, tomamos por base a crítica psicanalítica, como apoio para o estudo analítico de poemas, selecionando um corpus para ser analisado sob o aporte teórico desta crítica, além de pontuar diálogos do mesmo com a análise de discurso, quando se trata da temática do silêncio. Para tanto, selecionamos poemas da autora Amneres, cuja obra é objeto de nossa pesquisa de mestrado, em andamento, para que a análise anunciada esteja estabelecida. A hipótese que propomos neste trabalho é de que o silêncio manifesta uma retórica. Ou seja, mesmo, aparentemente, nada anunciando, é ele uma estratégia eloquente do dizer. Uma manifestação de linguagem que se apropria da ausência do significante para dar margem a um significado expresso pela falta da palavra.

## **O silêncio na análise de discurso e na crítica psicanalítica**

Na pesquisa empreendida sobre o silêncio, nos deparamos, inicialmente, com os postulados sobre este assunto na Análise de discurso. Como abordamos acima, comumente, o silêncio é tido como o vazio que nada comunica. No entanto, os estudos de inspiração discursiva feitos, principalmente, por Orlandi (1997), nos apontam que o silêncio expressa uma fonte bastante profícua de dizer. Assim, nas palavras da autora, compreendemos que “O silêncio não é vazio, o sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como horizonte e não como falta.” (ORLANDI, 1997, p. 70). Ou seja, é o silêncio um modo de operação da linguagem que marca o início, o elemento fundante da linguagem, bem com o espectro, ainda em construção do que será, o devir. Ainda assegura a autora sobre este ponto: “É o silêncio como horizonte, como imanência de sentido.” (ORLANDI, 2009, p. 83). Assim, ele pode presentificar, mesmo que estejam latentes, os sentidos a que se propõe o sujeito no seu ato comunicacional.

Dantas (2007) aprofundando algumas noções de Análise de discurso e enfocando, principalmente, o silêncio, sob a perspectiva de estudo de Orlandi (1997), afirma que o silêncio não pode ser considerado unívoco. Sua manifestação se pode dar de modo variado: “Assim como as palavras e os textos, os silêncios têm diferentes formas: o desvio de atenção, as entrelinhas, o excesso, a proibição e os estar em silêncio (que também pode ser percebido como um outro modo de falar).” (DANTAS, 2007, p. 115). No exercício do silêncio, sua justificativa poderá tanto marcar o desvio do assunto, quanto a apresentação do sentido posto no branco entre as palavras. O vazio que opera para a constituição do cheio de significado.

Vale salientar, sobretudo, que o silêncio tem respaldo no que se pode dizer, ou seja, uma relação de alteridade, na qual o seu diferente é o espectro que lhe dá a matiz de sua existência. Nas considerações de Dantas (2007) sobre este fato, encontramos: “O silêncio tem um sentido que é próprio dele mesmo e tem sentidos que ele adquire na sua relação com o dizível.” (DANTAS, 2007, p. 116). Afinal, só temos acesso à compreensão do silêncio quando há a ausência da palavra, o dizível. E nessa ausência, posta em contraste com o dito, é que o significado do silêncio toma forma. Esta dimensão que relaciona o silêncio com a linguagem também é uma compreensão que a crítica psicanalítica compartilha, como vemos na abordagem de Pereira (2009) sobre o fenômeno: “A

linguagem é o umbral do silêncio que não pode ser franqueado: ela é a prova do infinito.” (PEREIRA, 2009, p. 71).

Assim, podemos vislumbrar que é a linguagem, também, assim como afirmou Dantas (2007), o viés pelo qual o silêncio se constitui. Igualmente, sobre esta discussão, trazemos o pensamento de Julia Kristeva (1996), acerca das ações de linguagem, corroborando esta nossa discussão: “Quem diz linguagem diz demarcação, significação, comunicação. Nesse sentido todas as práticas humanas são tipos de linguagem visto que têm a função de demarcar, de significar, de comunicar.” (KRISTEVA, 1996, p. 14). Portanto, o silêncio, enquanto uma ação humana comunica, e comunicando, significa.

Aprofundando a problemática do silêncio através da crítica psicanalítica, encontramos, sobretudo em Lacan, algumas informações pertinentes à discussão empreendida. Nas palavras do teórico: “Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho” (LACAN, 1998, p. 252). Na ótica lacaniana o silêncio é comunicação que pode revelar o sentido da palavra dita. Ainda estando sem significante, seu significado instaura, por si só, a apresentação elíptica do testemunho que a fala oferece.

Hernandez (2004) ao tratar das várias dimensões do silêncio na crítica psicanalítica, destaca a visão lacaniana sobre o fenômeno, comentando o seminário *A lógica do fantasma*, da seguinte forma:

Lacan (1967/s.d.), no Seminário A Lógica do Fantasma, sustentou o uso de dois nomes diferentes para designar o silêncio: *sileo* e *taceo*. *Taceo* seria o da palavra não-dita, do calar, do silenciar ou ser silenciado. De outra parte, *sileo* seria um silêncio fundante, estruturante, sugestivo da ausência essencial da palavra, do buraco da significação. Nas suas palavras: “[...] *sileo* não é *taceo*. O ato de calar-se não libera o sujeito da linguagem apesar de que a essência do sujeito culmine nesse ato [...]” (Lacan, 1967/ s.d.). (HERNANDEZ, 2004, p. 130).

Assim, estaríamos com duas manifestações do silêncio distintas, mas ambas não descartam a noção de comunicação que este fenômeno objeta. Num primeiro momento, temos *taceo*, o calar, o silenciamento. Seja, por um poderio que faça o sujeito calar, ou alguma escolha espontânea do mesmo para algo esteja elíptico. Num segundo momento, temos o *sileo*, que representa o silêncio constitutivo da linguagem como meio de alteridade com o dito. A noção de silêncio fundador, ou seja, o anterior e primordial ao dito, visão que também está em diálogo com as concepções discursivas dos estudos de Orlandi (1997).

Sobre este silêncio primordial que, na visão lacaniana, é o “buraco na significação”, Pereira (2009) nos aponta que ele é “[...] aquele que determina as condições de possibilidade da linguagem. Esse silêncio, inominável, indizível, por ser passível de contato e de experiência, torna o sujeito seu protagonista. O silêncio primordial não tem objeto mas tem, porém, sujeito.” (PEREIRA, 2009, p. 62). E aqui nos lembramos da metáfora bíblica no livro de Gênesis – no princípio era o verbo – mas o que está antes do verbo, senão o silêncio, por isso fundador? Este silêncio, não adâmico, não nomeável, contém em si a essência do sujeito.

Este inominável, indizível, liga-nos, principalmente, à concepção de erotismo, como o inefável, o que só é traduzível sob o signo poético, como nos propõe Branco (s/d) e Durigan (1985). Pereira (2009) nos relata que “o silêncio fala pelo nexos com Eros.” (PEREIRA, 2009, p. 65). Ou seja, a retórica do silêncio está matizada do erotismo. A mesma autora, ainda declara que “[...] o silêncio exige uma linguagem em que possa se expressar.” (PEREIRA, 2009, p. 70). Quer dizer, é necessário algo para dar cor ao silêncio em sua expressividade e proficuidade. As palavras em elipse comunicam. Mas, como tal comunicação se apresenta? Quais seus matizes que podemos vislumbrar na tessitura da retórica aqui discutida?

Georges Bataille (1987), em *O erotismo*, aborda a questão da manifestação erótica, como uma espécie de experiência interior. Tal experiência, tão própria do ser humano, traduz seus significados trazendo consigo a tensão entre a continuidade/descontinuidade do ser. Ao passo que o ser procura continuar, eternizar-se, seu corpo é fado à descontinuidade, a temporalidade, a imanência de si próprio, suas limitações. Na concepção batailleana acerca do silêncio, temos a visão que ele é uma parte constitutiva, ao qual o erotismo conduz. Seria no silêncio o momento da satisfação do sujeito, no qual temos o ponto máximo da tensão entre continuidade/descontinuidade. Dessa maneira, a experiência interior do erotismo, assim como silêncio, pois ele está contido naquele, traz consigo uma tradução tangencial do inominável.

No discurso poético, tentaremos analisar a manifestação do silêncio enquanto retórica que objetiva a expressão do si, do eu lírico. A seleção de poemas, a ser apresentada na próxima seção, foi construída a partir do critério de presença da palavra “silêncio”, e suas sugestões no corpo do texto. Tentando, portanto, nesta análise compreender quais matizes constitui a retórica do silêncio na poesia da autora em estudo.

### **Amneres e o silêncio na sua poesia**

Amneres é uma das poetisas de origem paraibana que possui um respaldo crítico ainda com consolidação. Em uma pesquisa que empreendemos sobre as poetisas em atuação na cena literária nascidas no estado da Paraíba ficou verificado a ausência de estudos sobre muitas autoras, cuja fortuna crítica é ínfima ou inexistente. O material de análise dessa pesquisa nos pareceu bastante instigante, principalmente, pela quantidade de autoras e pela qualidade na construção estética e temáticas em seus poemas (SOUZA; ALVES, 2013). Sobre o estudo das obras de Amneres, como um dos marcos iniciais para a formação de uma fortuna crítica sobre a autora, figura nosso trabalho de conclusão de curso, que versou sobre a representação do erotismo em seus poemas (SOUZA, 2014). O estudo ora desenvolvido contempla a ampliação desta fortuna crítica, sobretudo, através de novas abordagens de leitura do texto poético, em relações às nossas pesquisas anteriores. Aqui, estamos privilegiando uma tentativa de ponderar considerações críticas sobre os poemas de Amneres através da relação entre o discurso psicanalítico e a literatura.

Na secção anterior, levantamos várias conceituações sobre o silêncio, através da Análise de discurso e do estudo psicanalítico. Uma visão panorâmica das considerações postas nos leva a crer que o silêncio não pode ser encarado como a simples ausência das palavras, mas sua tessitura propõe uma comunicação que é matizada por diferentes formas de significação. Tais sentidos podem contemplar o sujeito em si, cuja escrita, sob o signo do silêncio, apresenta o traço distintivo do inconsciente, que no texto poético está construído pelo mecanismo de sublimação, conforme indica a psicanálise freudiana (CRUXÊN, 2004).

Freud declara que o escritor desenvolve uma demonstração do inconsciente no texto literário, sendo este o espaço para abertura do íntimo do ser. Nas palavras dele,

[...] o escritor, por sua vez, procede de outro modo; é em sua própria alma que ele dirige a atenção para o inconsciente, que ele espreita suas possibilidades de desenvolvimento e lhes dá expressão artística, em vez de reprimir com uma crítica consciente. (FREUD *apud* RALLO, 2005, p. 37).

Portanto, a escrita literária está provida do aparecimento do conteúdo recalcado, reprimido. Esta concepção também é compartilhada por Mario Vargas Llosa (2004), em *A verdade das mentiras*. Este autor elenca o fator ficcional como modo de ampliação da vida do homem, a experiência do viver o que não se pode na realidade, um “sair de si mesmo, ser outro, quando que seja ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade.” (LLOSA, 2004, p. 23). Na verdade, este ser outro, estar em liberdade, é a projeção do desejo, do íntimo, recalcado. Conseqüente-

mente, a escrita dos poemas de Amneres, quando tratando, sobretudo, do silêncio, temos essa expressão do inconsciente que, descrevendo o silêncio, fala.

A seguir, apresentamos os poemas selecionados, mediando, entre um e outro, nossas ponderações de leitura acerca do fenômeno do silêncio na autora em análise. Para tanto, iniciamos como texto abaixo, publicado em *Verbo e carne* (2014), uma das suas obras poéticas mais recentes:

#### **Sobre o silêncio**

Calar é o verbo mais difícil de ser decifrado.  
Só o leem os anjos e os sábios. Por isso,  
escrava do texto, poeta que sou, só sei  
traduzi-lo nos hieróglifos da palavra amor.  
(AMNERES, 2014, p. 49).

O poema inicia com uma declaração “Calar é o verbo mais difícil de ser decifrado.”. Encontramos neste excerto um primeiro matiz sobre o silêncio como o “calar”. Não é apenas o silêncio voluntário, mas o preciso. Essa atitude é descrita pelo eu lírico com vias de uma hermenêutica que tenta ler o que não está possível, aparentemente. Se formos isolar a primeira parte da estrofe encontramos “Calar é o verbo”. E nisso podemos interpretar de duas formas: primeiramente, “calar” enquanto elemento linguístico gramatical, o verbo, em sua perspectiva metalinguística de estudo; a outra versão, mais verticalizada sobre a oração declarativa analisada, refere-se a “calar” como o “verbo”, a palavra. O ato de calar, de manter o silêncio pressupõe um conteúdo latente. Tal ação, ainda neste mesmo verso, é adjetivada como “difícil de ser decifrado”. Aqui vemos que a descrição do eu lírico que apresenta a possibilidade de decifração do código elíptico pelo silêncio. Veja-se que a decifração é “difícil”, e não impossível ou não procedente em curto prazo. Portanto, existe aí o anúncio da possibilidade de compreender-se o que está latente sob o “calar”.

No segundo verso, em sua primeira parte, encontramos “Só o leem os anjos e os sábios.”. Assim, a hipótese pronunciada anteriormente, de que o calar manifesta um conteúdo que pode ser compreendido, confirma-se com o excerto mencionado. Deve-se observar a declaração do eu lírico sobre os dois seres especiais, qualificados para a decifração do silêncio, os anjos e os sábios. Ou seja, para que o conteúdo manifesto sob a ação latente possa ser lido, o ser designado a isso deve possuir a chave da perfeição. No poema, polarizam-se duas vertentes para a hermenêutica do silêncio: a angélica, ao qual se refere ao ideal de divindade, cuja essência transcendente está para além de uma linguagem codificada sob normas humanas; bem como a da sabedoria, enquanto um modo

de saber para o discernimento, cujas máximas aforísticas contêm, muitas vezes, uma comunicação obtusa, quando feita em uma leitura não escrupulosa.

No terceiro verso encontraremos outro possível leitor do silêncio, a poeta. No entanto, esta não poderá fazer uma hermenêutica o ato silencioso, como os outros seres descritos, o anjo e o sábio. A poeta, por estar condicionada pela tessitura da escrita, só poderá traduzir o silêncio através do que é apresentado no último verso, os hieróglifos. E não tematizando qualquer assunto, mas o “amor”.

Podemos vislumbrar, sobretudo, a informação que a tradução conteudista da comunicação do silenciamento se dá por hieróglifos. Esta normatização de escrita é uma denominação comum a sistemas de representação gráfica de algumas línguas de civilizações antigas. Tal sistema fora utilizado, por exemplo, durante o período do Egito Antigo. Conforme indica Sousa (2012), os hieróglifos constituem a representação da palavra divina, dos signos sagrados. A utilização desse sistema de comunicação, no contexto do Egito Antigo dava-se, prioritariamente, aos edifícios sagrados, templos e tumbas e, possivelmente, utilizado na ritualística da religião da época. Portanto, sua expressividade divinatória, assemelha-se ao grau de ato hermenêutico, em relação ao poema em análise, comparando-se a poeta, ao sábio e ao anjo. Ambos estão num patamar de propositura de uma mensagem que se revela sob a égide do sagrado.

Ainda segundo Sousa (2012), o hieróglifo, na cosmovisão egípcia, é o sinal da criação divina. Quando o escreva o desenha, representa, neste ato, a ação criadora da divindade. Portanto, o poeta quando traz consigo a atividade de traduzir o intraduzível, o silêncio, o verbo calar, na forma de hieróglifo, ele assemelha-se à ação originária do criador que maneja com suas mãos a tessitura do objeto criado. Mas, tal atividade, segundo o poema, utiliza-se de uma determinada categoria de hieróglifos, os do amor. Por si, tal elemento pode ligar-se ao erotismo, numa visão de unidade divinatória.

Continuando nosso percurso analítico sobre a representação do silêncio - enquanto uma retórica - nos poemas de Amneres encontramos na obra *Diário da poesia em combustão* (2010), o seguinte texto:

#### **CL – Sobre o não dito**

Sabe uma coisa, não vou dizer mais nada. Tudo já foi dito, pensado, sentido, arrotado aos quatro ventos, entupindo teu ouvido de veneno. Está tudo escrito, então, para te poupar, em respeito ao teu direito de sonhar, vou fazer silêncio e o que lerás .....  
exatamente neste espaço em branco é o não dito do meu desencanto. É o que preferi calar.



(AMENERES, 2010, p. 179).

No exemplo acima, encontramos outra forma de afirmar o silêncio. Neste caso, sobretudo, a sugestão fornecida pelo eu lírico é pela ideia de excesso de dizer. Conforme tínhamos apresentado anteriormente, na secção teórica acerca da temática em foco neste trabalho, pautando, sobretudo, nas postulações de Dantas (2007), uma das formas de silenciamento é pelo exagero do dito. É uma atitude assumida pelo eu lírico. Existe nesse ato a preferência calar, o *taceo*, conforme indica Lacan (*apud* HERNANDEZ, 2004). O poema em prosa acima, reserva o espaço pontilhado como meio de representar a ausência da palavra. A motivação, possível, para esta atitude, refere-se ao desencanto sobre o mundo. Inclusive, o ato de calar, no texto, assume a característica de respeito ao sujeito leitor, cujo “direito de sonhar”, está garantido pela ausência dos significantes. O “não dito”, no poema, é uma forma de não caducar um conteúdo, não contribuir para o descambo das palavras já tão utilizadas em sua redundância comunicativa, como sugere o discurso do eu lírico.

Por fim, apresentamos nesta análise o poema abaixo, extraído da obra *Verbo e carne* (2014):

#### **Não texto**

Por trás desse silêncio,  
só tem eu,  
mais do mesmo de mim,  
sem disfarces  
ou máscaras a cair.  
Somente eu,  
certa angústia  
e a incansável busca  
pela transcendência.  
Somente eu  
e a fé a iluminar-me  
os passos,  
mesmo se há breu  
e se a dor me fere a carne.  
Meu grande amor, de verdade,  
por trás desse silêncio,  
só tem eu.  
(AMNERES, 2014, p. 77)

Mediante a leitura do poema acima, observamos, mais uma vez, a tematização do silêncio, na escrita poética de Amneres, só que desta vez tratando do silêncio primordial. Essa forma de “dizer” volta-se ao sujeito da enunciação no texto. A carga significativa do “eu”, no poema, como estrato sígnico do silenciado apresenta a face interior do ser, na sua essência existencial.

“Por trás desse silêncio,/ só tem eu,/ mais do mesmo de mim,/ sem disfarces/ ou máscaras a cair”. É interessante apontar, sobre esses versos, a necessidade que o eu lírico tem de afirmar-se verdadeiro em seu discurso. O “mais do mesmo de mim”, dignifica que o conteúdo expresso na tessitura poética do texto que adentra nas profundezas da alma, apresentada “sem disfarces”, sem a trama que mimetiza a realidade superficial. Abre-se, assim, a caixa do inconsciente: o desnudamento do eu, mediante o silêncio.

Compreendemos, também, que nesse desnudamento está uma centelha da experiência erótica, pautada na expressão do divino. O desnudar, enquanto matiz da verdade, em similitude como a verdade do Verbo, referenda a busca por uma compreensão de si. Os versos seguintes, exemplificam isso: “Somente eu,/ certa angústia/ e a incansável busca/ pela transcendência.”. Nesse trecho encontramos o excerto da descontinuidade do ser, mediante a busca pela continuidade, numa ótica inspirada pelo pensamento de Georges Bataille (1987). Ao passo que o desnudar abre as portas para a verdade, nesse caminho até ela, a angústia presentifica o descontínuo, o marcado pela não possibilidade de transcender, de atingir a completude da transcendência, contínua. A busca, nesse sentido, aponta para a caminhada até o interior de si, para encontrar-se com a eternidade que o divino oferece como meio de despendimento da angústia. Assim, ligando sujeito ao eterno, temos a força libidinal enlaçada e contínua.

Mas deve-se compreender que no poema este caminhar ainda está em processo. Além da “incansável busca”, adjetivação propícia para chegarmos à conclusão enunciada, os versos seguintes contemplam, ainda mais, essa potencialidade do eu que ao revelar-se, demonstra seu estado de procura: “Somente eu/ e a fé a iluminar-me/ os passos,/ mesmo se há breu/ e se a dor me fere a carne.”. O desejo de render-se ao eterno, semelha-se a um sacrifício, uma cruz. A procura pelo divino é um calvário, mas com a esperança iluminada pela fé, mesmo diante das intempéries que surgem nessa busca. Este modo de expressão liga-se, ainda, com a continuidade/descontinuidade, supramencionada, cuja objetivação perpetua-se nos últimos versos do poema: “Meu grande amor, de verdade, por trás desse silêncio,/ só tem eu.”. O primeiro verso, do fragmento aludido, pode ser interpretado como um vocativo, no qual o eu lírico reporta-se a algum sujeito, qualificado como “grande amor”.

Não temos marcas no texto mais contundentes que possam referendar, de modo explícito, de quem se trata este vocativo, além do matiz pronunciado pela voz do texto em sua adjetivação. No entanto, podemos supor que este vocativo aponta para o sujeito a quem se dirige o eu lírico no momento de sua confissão para o desnudar-se, cuja ex-

pressão “de verdade” qualifica-se como um modalizador que sustenta a qualidade da informação expressa. A necessidade de que o dito seja verdadeiro é o indício maior, diante todo texto, como meio de tornar-se perfeito, sem manchas que possam distanciar o eu lírico do transcendente.

Por fim, apresentamos nossa interpretação do título do poema que dá norte a nossa leitura do poema. O “Não texto” carrega em si a negação do discurso que possa dar contingência ao dito: a possibilidade ou a não possibilidade do dizer. Ao passo que o negar encerra o sentido por não deixar margens, em um primeiro momento, à abertura de possibilidades de leitura sobre um fato, por já dizer que ele não está, no caso o texto; de modo contrário, o negar pode esconder, em sua essência pragmática, a capacidade de muito afirmar o que notoriamente, na superficialidade do discurso, pareça algo impossível. O silêncio, desse modo, tem tessitura afirmativa na constituição de uma experiência, como pudemos verificar no poema, que enleva a busca pela continuidade do ser, através da transcendência, mesmo com seus encaixos emergidos no caminho de unidade consigo mesmo, na sua interioridade, para completar-se com algo maior que a sua envergadura sofrida pela marca da descontinuidade, se pensarmos o discurso desse poema como erótico.

### **Considerações finais**

Na análise que ora propomos, demonstramos que a poesia de Amneres traz a marca de uma retórica do silêncio, conforme pudemos verificar nas seções anteriores. Os aportes teóricos utilizados nos confirmam de que o silêncio comunica e os poemas trouxeram em seus versos a contemplação desta hipótese de leitura. Mais que o simples dizer, os poemas comunicam uma experiência erótica, cuja tópica da continuidade/descontinuidade, conforme descreve o pensamento de Bataille (1987), constitui a referência próxima dos textos a uma filiação temática comum na obra da autora em análise, como já pontuamos em outras oportunidades de pesquisa (SOUZA, 2014).

### **REFERÊNCIAS**

- AMNERES. **Verbo e carne**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Diário da poesia em combustão**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Trad. de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CRUXÊN, O. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- DANTAS, A. de M. Conceitos analíticos. In: \_\_\_\_\_. **Sobressaltos do discurso (algumas aproximações da análise do discurso)**. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2007.
- HERNANDES, J. O duplo estatuto do silêncio. In: **Psicologia USP**, 2004, 15(1/2), 129-147. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a16v1512.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Trad. de Maria Margarida Barahona Lisboa: Edições 70. Coleção Signos, 1996.
- LACAN, J. **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. Do não-senso, e da estrutura de Deus. In: \_\_\_\_\_. **O seminário, livro 3: as psicoses**. 2. ed. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LLOSA, M. V. A verdade das mentiras. In: \_\_\_\_\_. **A verdade das mentiras**. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
- ORLANDI, E. P. O dito e o não-dito. In: \_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, C. B. O silêncio fala. In: **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 57-73, 2009. Disponível em: <[http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/05.O\\_silencio\\_fala.pdf](http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/05.O_silencio_fala.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- RALLO, É. R. Caminhos novamente percorridos e novos caminhos. In: \_\_\_\_\_. **Métodos de crítica literária**. Trad. Ivone C. Beneditti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SOUSA, R. Os hieróglifos: a escrita da vida. In: **E-fabulações: revista electrónica de literatura infantil**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Estudos Anglo-Americanos; Biblioteca Digital da FLUP. n. 10, p. 19-24, 2012.
- SOUZA, A. de O. Crítica psicanalítica. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- SOUZA, O. B. **“O rouco silêncio”**: o erotismo na poesia de Amneres Santiago. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.
- \_\_\_\_\_; ALVES, J. H. P. **Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba**. Relatório final de PIBIC. Campina Grande: UFCG/PROPEX/CNPq, 2013.